

Quase irmão mais velho

Bruno Porto

Mônica Imbuiri



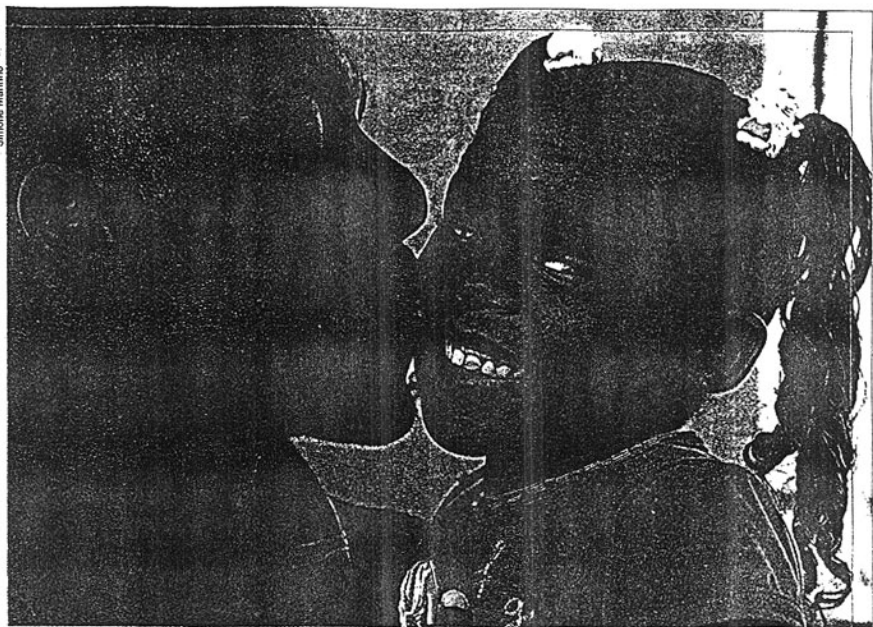
"Eu fiquei muito estressado. Cinco meses depois de o Rafael nascer a gente se separou. Em um ano eu mudei de adolescente bobalhão para pai responsável!"

Roberto Cury, 17 anos

• ROBERTO com o filho Rafael: o pai disse para ele não parar de estudar

• GERALDO E Lorena: ele sustenta a mulher e quatro crianças sozinho

Simone Mainho



“Quando minha mulher ficou grávida, uns amigos me disseram que um dia eu ia querer viver a adolescência que não tive. Isso aconteceu mesmo”

Geraldo Filho, 20 anos

Na manhã do próximo domingo, Dia dos Pais, milhões de adolescentes vão acordar e ir direto dar os parabéns para os seus. A maioria deles vai ouvir um “obrigado, filho” de volta. Já outros, como Roberto Cury da Silva Ribeiro, vão ouvir um “parabéns para você também, filho”. A exemplo de um grande número de jovens brasileiros, Roberto foi pai antes dos 18 anos. Com a responsabilidade de criar um filho, eles são obrigados a amadurecer em pouquíssimo tempo.

Morador de Icarai, em Niterói, Roberto, que tem 17 anos, começou a namorar uma menina de 13 quando, tinha 15. Seis meses depois, ela engravidou. Passados nove meses, nasceu Rafael, que hoje tem 1 ano e 5 meses. Depois que os dois contaram a novidade para os respectivos pais, Roberto ficou um mês sem poder aparecer na casa da menina.

— O pai dela não queria ver a minha cara — lembra ele. — Meu pai também ficou furioso, mas quando o Rafael nasceu ele virou um avô bobo.

Roberto, que hoje fica com o filho três dias por semana, não precisou parar de estudar por causa de Rafael.

— Meu pai disse para eu terminar meus estudos. Ele nos sustenta — conta ele, que está no terceiro ano e vai tentar vestibular para administração.

Diferentemente de Roberto, Geraldo Marques Beserra Filho não contou com a ajuda da família quando sua filha, Lorena Kathleen, nasceu. Ele teve a menina, que hoje está com 4 anos, aos 15.

— Comecei a namorar uma mulher mais velha, mãe de três filhos, quando eu tinha 14 anos. Eu queria um filho e ela aceitou engravidar. Depois disso, nós fomos morar juntos, o que desagradou ao meu pai — conta ele, que tem 20 anos, mora em Bon-

sucesso e trabalha como boy.

Como sua mulher está desempregada, Geraldo sustenta a casa sozinho. Por causa das inúmeras mudanças acarretadas pela chegada de um bebê, muitos casais adolescentes acabam se separando depois do parto. Foi o que aconteceu com Roberto e a mãe de Rafael.

— Eu fiquei muito estressado. Cinco meses depois de o Rafael nascer a gente se separou. Hoje somos amigos e o Rafael fica três dias por semana comigo e quatro com a mãe — diz ele, que conta ter amadurecido muito por causa do filho. — Em um ano eu mudei de adolescente bobalhão para pai responsável.

A falta de tempo para se divertir é um dos principais problemas enfrentados pelos pais adolescentes.

— Quando o Rafael nasceu a minha vida passou a ser casa e escola. Hoje eu posso sair

de vez em quando, pois meus pais ficam com ele — conta Roberto. — Mas eu não quero abusar, pois quem botou ele no mundo fui eu.

Geraldo diz que não parou de sair com os amigos por causa de Lorena.

— Quando minha mulher ficou grávida, uns amigos me disseram que um dia eu ia querer viver a adolescência que não tive. Isso aconteceu mesmo — conta. — Apesar de a minha mulher não gostar, eu saio com os meus amigos no fim de semana.

Morador da Rocinha, Allan dos Santos Mello, de 17 anos, diz que não tem medo de ficar sem tempo para diversão quando nascer o bebê que sua namorada de 16 está esperando.

— Eu já não saio muito mesmo — diz ele, que não tem emprego mas não está preocupado com o futuro do filho. — Acho que vai dar para levar.

Um estudo da Fundação Getúlio Vargas (FGV) mostra que, na faixa de 15 a 19 anos, a fecundidade das cariocas é cinco vezes maior nas favelas do que nos bairros de renda mais alta. Coordenadora da ONG Adolescente, a psicóloga Dilma Cupti de Medeiros afirma que a falta de perspectiva leva muitos adolescentes de baixa renda a quererem engravidar.

— O filho de certa maneira substitui a falta de futuro no trabalho e no estudo. Eles enchem a boca na hora de dizer que vão ter uma família — diz.

Professor da FGV, o economista Marcelo Neri diz que em muitos casos os pais abandonam as parceiras depois do nascimento.

— Com medo de pagar um custo pessoal muito alto, alguns desses meninos fogem — conta.